

Rapina de Guerra

O Brasil é um país desabituado à guerra. Por sua localização e uma diplomacia de conciliação, ficou distante do teatro dos conflitos. Na última década, em duas ocasiões a guerra afetou a vida dos brasileiros: no conflito das Falklands, entre a Inglaterra e a Argentina, de abril a maio de 1982, e na guerra entre o Irã e o Iraque, que, iniciada em fins de 1980, durou oito anos.

A guerra Irã-Iraque colheu o Brasil em situação difícil, pois ambos forneciam metade do petróleo importado, do qual dependia então em 80%. Diante do duplo choque de oferta e aumento de preços, o Brasil ficou mais pobre e a inflação disparou. Mas o país encontrou uma boa saída, com a consolidação do carro a álcool.

A crise gerada pela invasão do Kuwait, em 2 de agosto, abalou a vida dos brasileiros. Apesar de importar dos dois países menos de 20% do petróleo consumido, a alta dos preços do barril trouxe sérias repercussões para a economia. Devido à influência direta e à realimentação psicológica da indexação, a inflação disparou, rompendo a casa dos dois números até chegar aos 19,39% de dezembro.

A guerra traz seqüelas terríveis não só para os contendores. No caso presente, em que o centro das manobras militares é a região que produz a maior quantidade de petróleo do mundo, responsável pelo abastecimento da Europa, do Japão e de cerca de 35% do consumo brasileiro, as repercussões são nítidas para uma economia mundial a cada dia mais interdependente. O petróleo mais caro afetou a balança comercial dos países europeus, do Japão e dos Estados Unidos. A inflação se acelerou no Primeiro Mundo, mas numa proporção não superior a um terço, com a percepção clara de que a sociedade ficou mais pobre.

O Brasil também ficou mais pobre desde 2 de agosto e pode ser ainda mais afetado com a guerra. O abastecimento de derivados de petróleo não é a única ameaça. As exportações serão prejudicadas, diminuindo a capacidade de comprar máquinas e equipamentos para a modernização industrial. O acesso aos investimentos estrangeiros ficará ainda

mais difícil. O presidente da República já alertou para a necessidade de economizar combustível e energia elétrica.

Tudo isso sugere uma tomada de consciência para os tempos duros à frente. O esforço de guerra deveria encaminhar os políticos, as lideranças sindicais e os agentes econômicos ao entendimento nacional para evitar que o Brasil fique ainda mais pobre com a disparada da inflação. O ponto de partida pode ser a sugestão do deputado César Maia, para o expurgo da alta do petróleo no cômputo da inflação.

Os reflexos da crise têm superado em muito o mínimo aceitável, por culpa de uma elite insensível. A inflação estava em queda antes da invasão do Kuwait, mas o governo pode debitá-la repique basicamente à camada privilegiada que insiste em manter o comportamento de ricaço num país cada dia mais pobre. O movimento especulativo e altista de preços é provocado pelos setores cartelizados e agentes econômicos sem escrúpulo de guardar um mínimo de relação com os custos. Isso se caracteriza como verdadeira rapina antes mesmo do início da guerra.

A irresponsável onda de boatos nos mercados financeiros e de dólar e ouro (muito influenciado pelo vencimento de opções dia 18 na Bolsa Mercantil e de Futuros) ajudou a produzir a sensação de que a inflação vai superar em janeiro os 19,39% de dezembro. De quinta-feira para ontem a projeção da inflação pelo BTN futuro saltou de 17% para 19,54%. Os preços no atacado, com alta mais modesta que em dezembro, apontavam até semana passada para índices ao redor de 10%.

Os preços ao consumidor, sabe-se hoje, subiram mais entre setembro e dezembro do que o impacto direto da alta do petróleo. Uma remarcação desenfreada de preços, na indústria e no comércio, empurrou os preços sistematicamente para cima, com a ajuda decisiva da indexação, superando em muitos pontos os acréscimos nos custos reais. Não é possível que no Brasil ainda existam pessoas com comportamento de hienas, querendo lucrar rápido com a desgraça alheia.